



Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs): a ludicidade na formação continuada de professores e professoras

Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs): playfulness in teacher's continued education

Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs): la ludicidad en la formación continua del docente

1

Deise Avelina Felipe Saraiva¹
Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva²

Resumo: Este artigo apresenta o percurso histórico dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) da Secretaria de Educação do Distrito Federal. O objetivo é apresentar elementos que constituem a trajetória histórica dos CVLOPs. A questão central é: quais elementos constituem o percurso histórico do projeto de formação continuada proposto pelos CVLOPs? O referencial teórico baseia-se em D'Ávila (2006), Luckesi (2000), Marx (1980) e Menezes (2022). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, além da análise documental. A análise indicou quatro categorias: 1. As necessidades do trabalho docente como gênese dos CVLOPs; 2. A idealização de recursos lúdicos como centralidade da formação continuada; 3. O trabalho grupal como referência para a formação continuada; 4. A ludicidade como princípio para a formação docente. Por fim, é possível realizar a formação continuada docente numa perspectiva de ludicidade e de trabalho grupal.

Palavras-chave: Educação. História. Ludicidade. Formação Continuada. Trabalho Grupal.

Abstract: This article presents the historical trajectory of the Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) of the Secretaria de Educação do Distrito Federal. The objective is to present elements that constitute the historical trajectory of the CVLOPs. The central question is: what elements constitute the historical path of the continued education project proposed by CVLOPs? The theoretical framework is based on D'Ávila (2006), Luckesi (2000), Marx (1980) and Menezes (2022). This is a qualitative research of a bibliographic nature, in addition to documentary analysis. The analysis indicated four categories: 1. The needs of teaching work as the genesis of CVLOPs; 2. The idealization of recreational resources as a central aspect of continued education; 3. Group work as a reference for continued education; 4. Playfulness as a principle for teacher's education. Finally, it is possible to make the continued teacher's education from a playfulness and group work perspective.

Keywords: Education. History. Playfulness. Continued Education. Group Work.

¹ Doutoranda em Educação. Universidade de Brasília. <https://orcid.org/0000-0001-8827-0539>. E-mail: deise.saraiva.doutorado@gmail.com

² Doutora em Educação. Universidade de Brasília. <https://orcid.org/000-0002-9808-4577>. E-mail: katiacurado@unb.br



Resumen: Este artículo presenta la trayectoria histórica de los Centros de Experiencias Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOP) de la Secretaria de Estado de Educação del Distrito Federal. El objetivo es presentar elementos que constituyen la trayectoria histórica del CVLOPs. La pregunta central es: ¿qué elementos constituyen la ruta histórica del proyecto de educación continua propuesto por los CVLOP? El marco teórico se basa en D'Ávila (2006), Luckesi (2000), Marx (1980) y Menezes (2022). Se trata de una investigación cualitativa de carácter bibliográfico, además de análisis documental. El análisis indicó cuatro categorías: 1. Las necesidades del trabajo docente como génesis de CVLOP; 2. La idealización de los recursos recreativos como aspecto central de la formación continua; 3. El trabajo en el grupo como referencia a la formación continua; 4. La lúdica como principio de la formación docente. Finalmente, es posible realizar la formación continua docente desde una perspectiva lúdica y del trabajo grupal.

Palabras-clave: Educación. Historia. Ludicidad. Formación Continua. Trabajo en equipo.

Submetido 08/11/2023

Aceito 25/01/2024

Publicado 26/01/2024

Introdução

Propomo-nos a apresentar a trajetória histórica dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) no campo da formação continuada de professores. A partir de documentários produzidos pela própria Secretaria de Educação (vídeos institucionais) e documentações oficiais no período de 1989 a 2021, descreve-se a origem dos CVLOPs, sua abrangência, estrutura e a sua relação com a ludicidade ao longo do tempo. A inquietação que norteia as reflexões críticas deste texto é: quais elementos constituem a ludicidade ao longo percurso histórico do projeto de formação continuada proposto pelos CVLOPs?

É oportuno desvelar as singularidades da proposta de formação continuada que é ofertada nos CVLOPs e, desta forma, compreender as possibilidades da ludicidade conclamada na forma peculiar de trabalho pedagógico e na formação docente dos CVLOPs. Ao revisitarmos a trajetória histórica de constituição dos Centros de Vivências Lúdicas, encontramos os principais movimentos que trouxeram sustentação a este projeto de formação continuada por quase quatro décadas (1986-2023). Assim, tem-se como objetivos: apresentar o percurso histórico de constituição dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas. identificar os elementos que caracterizam a ludicidade na trajetória histórica da formação continuada de professores nos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs); reconhecer a ludicidade como princípio para a formação continuada de professores e professoras.

Ressalta-se que a análise documental indicou quatro categorias: 1. As necessidades do trabalho docente como gênese dos CVLOPs; 2. A idealização de recursos lúdicos como centralidade da formação continuada; 3. O trabalho grupal como referência para a formação continuada; 4. A ludicidade como princípio para a formação docente. Pode-se afirmar, portanto, que as especificidades da formação continuada de professores proposta pelos CVLOPs indicam que é possível realizar a formação continuada docente, tendo como princípio a ludicidade.

Metodologia

O percurso metodológico adotado fundamenta-se nos pressupostos do Materialismo Histórico Dialético (Marx, 1980; Menezes, 2022), partindo de três das categorias do Método em Marx (Menezes, 2022): *historicidade* em que se ressalta os momentos históricos que deram

origem ao que hoje conhecemos como Centro de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas; a **contradição** que articulada à historicidade aponta para os elementos que constituem a percepção de ludicidade nos CVLOPs e a **mediação** que sinaliza os movimentos que delinearão ações formativas no passado e no presente (aspectos históricos e suas contradições). De forma indissociável, estas três categorias do Método em Marx (Menezes, 2022), conduziram as nossas análises e o levantamento das quatro categorias deste estudo. Trata-se, portanto, da realização de análise documental e de conteúdo de todos os documentos compilados, juntamente com a pesquisa bibliográfica, tendo como lente o Materialismo Histórico Dialético.

Os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas possuem um canal próprio na plataforma Youtube, intitulado “Oficinas Pedagógicas do DF” em que são disponibilizados 40 vídeos referentes a eventos, culminâncias de cursos de formação continuada, ações formativas diversas e formações realizadas em ambiente remoto no período pandêmico, bem como, uma lista de 27 vídeos advindos de outros Canais do Youtube tanto da própria Secretaria de Educação (Setor de Multimídia/NUTEL e Canal E Notícias) como referente a *lives* com estudiosos da ludicidade. Atualmente, o canal “Oficinas Pedagógicas do DF” possui 1, 45 mil inscritos.

Assim, como anunciamos inicialmente, realizamos a análise documental (Gil, 1999) com análise de conteúdo (Franco, 2003) de:

- 09 vídeos institucionais: Oficinas Pedagógicas - NUTEL-CPCE (1989), Canal E – Oficina Pedagógica de Brazlândia (2010), Canal E – Encerramento de Curso de Professores DRE Samambaia (2010), Memorial Vivo Oficina Pedagógica de Ceilândia (2018), Canal E – Conclusão dos Cursos das Oficinas Pedagógicas (2017), Canal E - Encontro das Oficinas Pedagógicas na Escola Parque 308 Sul (2013), Oficinas Pedagógicas – 30 anos (2016), Boas Vindas – Ensino Remoto (2020) e Oficinas Pedagógicas nas Escolas: Trilhas Lúdicas para Aulas Remotas - resultado final (2021).;
- 04 documentos oficiais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal: Orientações Pedagógicas n. 8 – versões 1989 e versão atualizada de 1994, Portaria nº116, de 31 de julho de 2012 e Portaria nº 388, de 29 de novembro de 2018;
- 01 relato publicado na Revista Com Senso: “Oficinas Pedagógicas na história: um espaço de construção da ludicidade na educação do Distrito Federal” (Silva, 2017).

Da análise documental (Gil, 1999) com a análise de conteúdo (Franco, 2003) emergiram quatro categorias: 1. As necessidades do trabalho docente como gênese dos CVLOPs; 2. A idealização de recursos lúdicos como centralidade da formação continuada; 3. O trabalho grupal como referência para a formação continuada. 4. A ludicidade como princípio para a formação docente.

A trajetória histórica dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas

A nomenclatura Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) atribuída ao setor de formação de continuada de professores vinculado ao EAPE³ da Secretaria de Educação do D.F. é algo recente, instituída somente a partir da Portaria nº 388 de 28/11/2018. Até então, nos seus 32 primeiros anos de existência, foi chamado unicamente de “Oficinas Pedagógicas” (OPs).

De acordo com documentários em audiovisual que descreveremos a seguir – a proposta robusta e consolidada que atualmente os CVLOPs representam no campo da formação continuada de professores no DF não teve sua origem numa ação voluntária do Estado ou da própria Secretaria de Educação da capital federal. Ao contrário, em 1986, surgiu de problemas concretos da realidade de uma professora regente que atuava numa classe do Pré Escolar⁴, conforme afirma Fernandes (2016): *“a Oficina Pedagógica começou praticamente com jogo, existia uma professora chamada Betinha⁵ que trabalhava em sala de aula com educação infantil e viu a necessidade dos professores com materiais para os alunos. Ai essa professora começou a fazer jogos e passar para os professores. Começaram em Ceilândia e depois passaram para Taguatinga. O Ruitter que era amigo dela e professor, também, vendo o interesse, resolveu montar uma oficina para ela”*. Assim, a gênese dos CVLOPs se deu pautada numa necessidade instrumental para atender as demandas curriculares da Educação Pré Escolar da época, na perspectiva de uma professora que buscava ampliar as possibilidades de seu trabalho pedagógico em sala de aula com materiais didáticos mais atrativos e lúdicos.

³ Destaca-se que a sigla EAPE significa: Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação até a data de /11/2017, quando passou ser entendida como Centro de Aperfeiçoamento dos profissionais da Educação a partir da Portaria n.º 503 de /11/2017 (BRASÍLIA, 2017).

⁴ “Pré Escolar”: termo atribuído, na época, à Educação Infantil.

⁵ Apelido carinhoso como a professora Elizabeth é chamada.

Surpreendentemente, em 1986, a ideia inicial da professora “Betinha”, atraiu a atenção do professor Ruitter Lima que ministrava aulas de Práticas Industriais no Ensino Fundamental e, portanto, tinha à disposição o maquinário adequado para a produção dos materiais para as suas aulas e também para atender as demandas suscitadas pela professora do Pré Escolar. O próprio Ruitter afirma que este movimento começou a ser difundido entre os colegas atuantes nesta modalidade de ensino em Ceilândia e em Taguatinga. Estes passaram a se reunir, em sua única coordenação semanal, e até mesmo no noturno, para preparar jogos e materiais que seriam compartilhados e utilizados em sala de aula (Lima, 2016). Percebe-se, portanto, que uma ação individual encontrou outros homens e coletivamente transformam intencionalmente a natureza, o real vivenciado pela professora *Betinha* fazia parte do que era também realidade do trabalho de outros professores, pois estas ações foram desencadeadas pelo trabalho que humaniza o ser, neste caso, o trabalho pedagógico.

Destas reuniões, que se constituíam em genuínas coordenações coletivas (espaço de planejamento de ações pedagógicas), surgiu o nome “Oficina Pedagógica”, pois embora estivessem em um espaço de oficina industrial, incluindo equipamentos para trabalho com madeira e pintura de roupas coerente com o sentido estrito da palavra, a produção realizada ali trazia a intencionalidade pedagógica advinda das demandas de sala de aula. Tratava-se de um “projeto com linha básica de ação, respeitando a realidade de cada regional de ensino. Foi idealizado a partir de reuniões onde todos os professores envolvidos nas oficinas buscavam solucionar as dificuldades vividas neste trabalho” (Campos, 1989).

As limitações de recursos financeiros para a produção de materiais eram reais e não intimidou os pioneiros das Oficinas Pedagógicas: “o material era muito pouco, sem recurso financeiro nenhum, então, eles iam atrás de caixas de maçã na Praça do Bicalho para começar a fazer os joguinhos pedagógicos” (Fernandes, 2016). Assim, a adesão de professores de outras regiões do D.F. (Brazlândia, Gama, Planaltina, Plano Piloto e Sobradinho) se tornou crescente, então, o Projeto intitulado “Faça você mesmo” das Oficinas Pedagógicas começou a ganhar forma e o professor Ruitter decidiu escrevê-lo e encaminhá-lo para a Fundação Educacional do Distrito Federal - FEDF⁶ (Lima, 2016). O projeto foi aceito!

⁶ FEDF: Fundação Educacional do Distrito Federal era a nomenclatura atribuída na época à atual Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Em 1987, o projeto passou a fazer parte do Plano Quadrienal de Educação do DF, tornando-se oficialmente “Oficinas Pedagógicas” e com a definição dos espaços físicos em duas Regionais de Ensino: Ceilândia e Taguatinga. Neste mesmo ano, realizou-se o curso de formação continuada “Faça você mesmo” em que os idealizadores orientaram os professores quanto ao manuseio de maquinário, a produção de materiais e confecção de jogos a partir das temáticas identificadas pelos próprios professores cursistas. Todo este movimento buscava em sua essência oferecer possibilidades lúdicas intencionais para aprendizagem da criança, afinal “[...] a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento iminente na criança” (Vigotski, 2021, p. 35) e todo o planejamento pedagógico das OPs objetivavam a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes.

Em 1988, foram consolidados espaços definitivos para as Oficinas Pedagógicas em Brazlândia, Plano Piloto e Planaltina. A participação de professores se tornou tão efetiva que foi realizada a I Mostra de MEAs – Materiais de Ensino Aprendizagem na Escola Normal de Brasília, trazendo ainda mais visibilidade ao projeto inovador advindo da iniciativa dos próprios trabalhadores em educação que também auto-organizavam suas ações. Estas ações realizadas pelos professores *oficineiros*, como eram carinhosamente chamados, foi normatizada na FEDF em 1989 no documento *Orientações Pedagógicas n.º 8*. No ano seguinte, em 1990, foi criado o COP - Coordenação das Oficinas Pedagógicas vinculado ao NUTEL – Núcleo de Teleducação da FEDF, o setor que seria responsável pela articulação entre as OPs.

De acordo com Silva (2017), ainda no ano de 1990, foi realizada a primeira capacitação com certificação para os professores atuantes nas OPs, tratava-se de uma formação voltada para orientações quanto ao manuseio dos maquinários e a manutenção dos mesmos. Além da realização deste curso, deu-se início a momentos de estudos coletivos entre os professores *oficineiros*, contando com a condução de integrantes do NUTEL – Núcleo de Teleducação em parceria com professores da Universidade de Brasília e também pelos próprios professores *oficineiros*. Com o tempo, os encontros se tornariam semanais e, em 1993, emergiu o CIOP - Ciclo de Integração das Oficinas Pedagógicas, percorrendo as diferentes regionais de ensino do DF. Este movimento de formação docente culminou na participação das Oficinas Pedagógicas no evento VI Mostra de MEAs. Neste mesmo ano, foram criadas mais duas Oficinas Pedagógicas, uma em Samambaia e outra no Guará. Pouco a pouco, o projeto piloto idealizado

em Ceilândia e Taguatinga, começava a garantir espaços nas diferentes *idades satélites*⁷ do DF.

No ano de 1994, o documento *Orientações Pedagógicas n.8* passou por uma atualização e no mesmo ano, a Coordenação Central das Oficinas Pedagógicas - COP recebe a Professora Maria Eunice Fernandes como coordenadora geral, responsável pela articulação dos trabalhos entre todas as oficinas. A referida professora permaneceu nesta função até o ano de 2016, quando se aposentou. Obviamente que no decorrer dos anos, a equipe do COP foi ampliada chegando até o quantitativo de seis coordenadores/articuladores que atuaram juntamente com a professora Maria Eunice. É fundamental destacar o engajamento deste grupo e a possibilidade de ter entre eles alguém que acompanhou as transformações, discussões e proposições que ocorreram no decorrer de quase três décadas de funcionamento de um mesmo projeto de formação continuada.

A reformulação feita nas *Orientações Pedagógicas n.8* manteve praticamente as mesmas normativas e os mesmos princípios previstos em sua primeira edição, sendo acrescentadas a ideia de proposição de cursos certificados pela EAPE. Isto, sem dúvida, representou um avanço nas diretrizes referentes à atuação das Oficinas Pedagógicas que concebeu, de alguma forma, o trabalho dos professores formadores não apenas como o de orientar na produção de materiais lúdicos como jogos e outros recursos, mas também o de discutir e analisar o conhecimento científico sistematizado numa práxis que vislumbra a unidade teoria e prática. Poder ofertar de cursos, construir percursos formativos em que o estudo que fundamenta a prática pedagógica traz uma nova configuração para o trabalho imaterial dos professores que ali atuavam (Marx, 1980), representou um grande avanço em relação ao papel da ludicidade na formação dos docentes. Ainda em 1994, ofertou-se o curso anual (180h) “Papel Artesanal, fibras vegetais, cartonagem e encadernação” para os professores *oficineiros* e em 1996 outro curso anual (180h) “Contando histórias, fazendo bonecos; contando histórias, fazendo livros”, ofertado pela OP de Brazlândia para os professores que desejassem participar (Silva, 2017).

Desde então, vários cursos foram propostos, sempre vinculados à perspectiva de ludicidade, e apresentaram e ainda apresentam grande adesão por parte dos professores regentes

⁷ Nesta época o termo *idades satélites* era atribuído às diferentes localidades do DF, hoje conhecidas como RA – Regiões Administrativas.

em sala de aula, independentemente se eram atuantes na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, na Educação de Jovens e Adultos ou até mesmo se faziam parte do Ensino Regular ou do Ensino Especial. Uma turma *heterogênea* de professores cursistas é mais uma característica constante no percurso de existência das Oficinas Pedagógicas. As turmas de professores cursistas, até hoje, contam com a participação de professores de diferentes tempos de experiência profissional, de diferentes anos (ou séries) e de diferentes formações, desde os formados por Escolas Normais e pedagogos a bacharéis licenciados em diferentes áreas do conhecimento. Assim, esta formação docente com ludicidade pressupõe a aprendizagem por pares através das experiências compartilhadas, possibilitando um olhar multifacetado para a temática abordada nos encontros dos cursos de formação continuada.

Em 1996, destaca-se a participação efetiva das OPs no I Congresso de Educação do DF, trazendo maior visibilidade ao trabalho de formação desenvolvido. Em 1999, criou-se mais uma OP, a do Paranoá/Itapoã.

Em 2000, propôs-se o curso “A arte de contar histórias”, o primeiro ofertado por todas as Oficinas Pedagógicas do DF da época, constituindo-se o primeiro curso *estruturante*, ou seja, o primeiro curso de formação continuada ministrado ao mesmo tempo em todas as Oficinas Pedagógicas do DF. Quanto a isto, Menegaz (2016) afirma que *“a arte de contar histórias começou em Brazlândia em 96, já começou como esse curso envolvendo a literatura, envolvendo os bonecos, os escritores, os ilustradores, as técnicas de contar. E esse trabalho, as pessoas foram gostando muito e a gente foi reeditando o curso (...) anterior a ele, a gente trabalhou o curso do livro artesanal, fez um livro inteiro, produzindo papel, texto, encadernação, serigrafia e esta experiência marcou. Até hoje os professores de Brazlândia continuam construindo livros com os alunos. (...) No ano de 2000, a gente fez a proposta, para a EAPE, de repassar esse curso (A arte de contar histórias) para as 14 Oficinas Pedagógicas. Pra gente trabalhar coletivamente, não cada um dando um curso separado, mas a gente ter um curso que representasse as oficinas”*. Nesta fala, evidencia-se uma necessidade interna, dos próprios professores formadores, de buscar o trabalho grupal e articulado, o que vem fortalecendo as ações formativas das Oficinas Pedagógicas.

Ainda em 2000, com o curso “A Arte de contar histórias” viabilizou-se a realização de um grande encontro, envolvendo a participação de todos os professores cursistas das diferentes

regionais de ensino juntamente com os professores formadores das OPs, os escritores e os ilustradores das obras trabalhadas no curso. O encontro ocorreu na XX Feira do Livro de Brasília. No ano seguinte, três novas OPs foram criadas: uma em São Sebastião, uma no Recanto das Emas e outra em Santa Maria, totalizando 14 no DF.

Ressalta-se que neste percurso, as Oficinas Pedagógicas mantiveram ludicidade como uma “marca” do trabalho pedagógico e de formação de professores! Ainda que o termo *oficina* remeta a uma perspectiva pragmatista e instrumental do trabalho docente, pautada na racionalidade técnica (Veiga, 2002) e, de fato, assim ocorreu, ao longo dos anos, emerge a busca por articular a teoria à prática para além da simplificação do sentido dado à prática na formação docente, mantendo o viés da ludicidade nas ações formativas sem perder de vista o conhecimento científico que embasa esta prática pedagógica.

Assim sendo, em 15 anos de existência, as Oficinas Pedagógicas passaram a ter um espaço próprio e equipes em cada uma das regiões administrativas do DF. Foi desta forma que elas se consolidaram como entidade atuante na formação continuada de professores da rede pública em todo o Distrito Federal, cujo primórdio assenta-se em um movimento atípico do que é percebido no campo educacional. Ou seja, ao invés de políticas públicas suscitarem a formação continuada com características próprias e com ludicidade, os professores que estão em atuação nas salas de aula se organizam, debatem, delineiam um projeto e propõem um tipo peculiar de formação continuada, mantendo sua natureza pedagógica e a ludicidade!

Atrai a atenção, também, que independentemente das mudanças político partidárias ocorridas neste período, as Oficinas Pedagógicas mantiveram seus princípios pautados na ludicidade, na auto-organização e na proposição de ações formativa como descreve Muniz (2016) *“as mudanças políticas que acontecem na Secretaria normalmente vem acompanhadas de mudanças nas diretrizes pedagógicas e as Oficinas sempre estiveram muito atentas a essas mudanças, sempre propondo, não apenas atendendo às novas demandas. Como sempre, propondo novas possibilidades, novas maneiras e alternativas que poderiam ajudar o professor a contextualizar melhor as suas aulas, a fazer a interdisciplinaridade”*.

Pensar na trajetória históricas das Oficinas Pedagógicas é também discutir as forças hegemônicas e contra hegemônicas presentes nas relações institucionais estabelecidas, é perceber aspectos de proletarização que se impõe na relação entre Estado (FEDF/SEEDF) e

professores (trabalhadores) que precisam encontrar “brechas” para manter sua autonomia e possibilidades para planejar e executar a formação continuada por eles mesmos concebida, “na verdade, o operário ou o proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais” (Gramsci, 2000, p.18).

No ano de 2012, as OPs foram regulamentadas pela Portaria n. 116 de 21/07/2012 (Brasília, 2012) que se manteve praticamente idêntica às Orientações Pedagógicas n.º 8. Em 2015, as OPs compuseram parte do organograma da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, desmembrando-se do NOP - Núcleo de Oficinas Pedagógicas e compondo uma gerência da Subsecretaria EAPE que passa a ser intitulada GETOP - Gerência de Formação, Pesquisa e Desenvolvimento Profissional dos Eixos Transversais e das Oficinas Pedagógicas. Na organização do trabalho pedagógico das Oficinas, esta mudança, nada alterou, mas pela primeira vez em 29 anos o nome das Oficinas Pedagógicas como instituição formadora na SEEDF alcança o *status* de uma gerência, todavia foi retirada do organograma no ano de 2020⁸.

A fim de construir um trabalho coletivo genuíno e do desejo de realizar ações conjuntas entre as 14 oficinas, veio à tona, uma nova organização também por iniciativa dos próprios formadores que é a chamada “Formação de Formadores” que começou a se consolidar em 2015, perdura até hoje, e encontra-se no Capítulo IV da Portaria n. 388 de 29/11/2018 (Brasília, 2018), redigida e discutida em parceria com os mesmos. Nisto os formadores, estudam, idealizam os cursos que serão ofertados, planejam coletivamente as aulas que serão ministradas, identificam os textos que trarão a base teórica do curso para que, em uma ação conjunta, desenvolvam a formação em cada um dos 14 Centros de Vivências Lúdicas da SEEDF.

Nos anos de 2016 e 2017, os professores formadores das OPs tiveram a iniciativa de analisar e propor reformulações para a Portaria n.º 116/2012 (Brasília, 2012), por identificarem incoerências e dificuldades na compreensão do tipo de trabalho por eles realizado e sua situação em relação a duas hierarquias distintas: a administrativa (vínculo com a regional de ensino) e a

⁸ Todavia, na reformulação ocorrida na EAPE em 2020, as Oficinas Pedagógicas são retiradas do organograma e estão informalmente vinculadas à GOET – Gerência de Pesquisa, Avaliação e Formação Continuada para a Gestão, Carreira Assistência, Orientação Educacional e Eixos Transversais.

pedagógica (vínculo com EAPE). Por vezes, esse duplo vínculo trouxe entraves na organização do trabalho pedagógico especialmente no que se refere ao papel do professor formador, seu direito à coordenação pedagógica no dia de quarta-feira e nas especificidades de atuação como formador. Estas reuniões foram iniciadas com o Conselho de Oficinas em datas previamente agendadas e, posteriormente, repassadas a todo o grupo nas quartas feiras. Este movimento resultou em alterações expressivas na nova portaria, Portaria n.º 388 de 29/11/2018 (Brasília, 2018), ainda em vigor. Esta portaria representou, em caráter oficial, a primeira oportunidade de participação direta dos professores formadores nas diretrizes e na condução do trabalho formativo que desenvolvem.

Em 2020, as Oficinas e o mundo inteiro foram surpreendidos com a Pandemia COVID-19. No DF, as escolas fecharam e, por meses, as escolas públicas deixaram de funcionar no sentido de manter o distanciamento e preservar a vida e a saúde de profissionais e estudantes. O ensino remoto na SEEDF foi instituído e mais um desafio é posto para a educação e também para a formação docente. Nas reuniões on-line, os professores formadores dos CVLOPs começaram a discutir e questionar: seria possível manter a essência da ludicidade na formação continuada de professores numa perspectiva de ensino remoto? Mais uma vez, as Oficinas Pedagógicas se reinventaram e trouxeram em julho/2020 o projeto de formação continuada “Trilhas Lúdicas para aulas remotas” cujo *slogan* para a chamada à participação dos professores para estes encontros virtuais de diferentes temáticas foi “*Porque aqui todo dia é dia de era uma vez... Era uma vez uma professora que virava bruxa, que virava fada. Era uma vez um professor que fazia jogos, que fazia rimas. Era uma vez um enorme grupo de educadores que precisou se reinventar e se reinventou porque não teve medo de, virtualmente, dar as mãos*” (Oficinas Pedagógicas, 2020). A proposta de formação continuada com ludicidade passou a acontecer, simultaneamente, em todas as coordenações regionais de ensino do DF e em várias salas na *Plataforma Google Meet*, com o agendamento prévio por escolas no dia da coordenação coletiva (quartas feiras). Esta ação possibilitou encontros formativos que agregaram escolas de diferentes regionais de ensino e contava com a participação da ampla maioria dos professores.

Lamentavelmente, a pandemia continuou em 2021 e as aulas nas escolas públicas se mantiveram com o ensino remoto, mas, e os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas? Eles continuaram propondo a ludicidade na formação de professores, perseveraram

no Grupo de Estudos semanal, na formação continuada *on-line*, no trabalho pedagógico coletivamente planejado e propuseram o projeto “Oficinas Pedagógicas Lúdicas” para o 1º e o 2º semestres de 2021.

Em 2022, os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas retomaram os cursos presenciais e ofertaram neste primeiro semestre de 2022 o mesmo curso de formação continuada em seus 14 polos, o curso estruturante: “Arte a mil na Educação Infantil” entre outros cursos também realizados no 2º semestre/2022. As ações de formação no corrente ano estiveram voltadas para a formação de formadores⁹ no 1º semestre/2023 com vistas a realização do curso estruturante “Recorte aqui, cole acolá – Scrapbook no ensinar” ofertado no 2º semestre/2023, entre outros cursos. A formação de formadores no 2º semestre/2023 está voltada para aprofundamento teórico sobre ludicidade e para a elaboração e o planejamento do próximo curso estruturante.

Resultados e Discussão das Categorias de Análise

A nomenclatura Centro de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) atribuída ao setor de formação de continuada de professores vinculado ao EAPE¹⁰ da Secretaria de Educação do D.F, como já mencionado, é algo recente, instituída somente a partir da Portaria nº 388 de 28/11/2018. Até então, nos seus 32 primeiros anos de existência, foi chamado unicamente de “Oficinas Pedagógicas” (OPs).

O percurso histórico de consolidação dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas no âmbito da formação continuada de professores indicado em vários documentários (Menegaz, 2010, Abreu, 2018; Sousa, 2010; Dantas, 2010; Sabino, 2017; Silva, 2017; Oficinas Pedagógicas, 2020) pode ser sintetizado na fala de Campos (1989), ao afirmar que o projeto Oficina Pedagógica (atualmente CVLOP) “*Foi idealizado a partir de reuniões onde todos os professores envolvidos nas oficinas buscavam solucionar as dificuldades vividas neste trabalho*” (Campos, 1989). Ou seja, as necessidades e dificuldades do cotidiano escolar

⁹ Formação de Formadores: curso de formação para s professores que atuam nos 14 Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas. Destaca-se que se trata de um curso que é idealizado, proposto e desenvolvido pelo coletivo, ministrados pelos próprios formadores e entre eles.

¹⁰ Destaca-se que a sigla EAPE significa: Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação até a data de /11/2017, quando passou ser entendida como Centro de Aperfeiçoamento dos profissionais da Educação a partir da Portaria n.º 503 de /11/2017 (BRASÍLIA, 2017).

dos professores deram origem às primeiras reuniões do que seriam os primeiros movimentos das Oficinas Pedagógicas (CVLOPs). Com o apoio do professor *Ruiter* que possuía o maquinário necessário, as ideias da professora *Betinha* e de vários outros professores e professoras, os recursos lúdicos começaram a ser idealizados e produzidos! Estes foram os primeiros passos do que hoje se consolida “Centro de Vivências Lúdicas- Oficinas Pedagógicas”.

Nesse sentido, a partir da análise documental de audiovisuais e do documento Orientações Pedagógicas n.8, emerge a primeira categoria “*As necessidades do trabalho docente como gênese dos CVLOPs*”. No decorrer destas quase quatro décadas, paulatinamente, as Oficinas Pedagógicas foram alcançando espaços em cada uma das quatorze coordenações regionais de ensino (CRE) da SEEDF e buscaram suprir as necessidades imediatas dos professores, ou seja, a procura por materiais que atendessem aos desafios cotidianos e concretos do trabalho docente em sala de aula. Tais solicitações conduziram a um primeiro movimento pautado na proposição de jogos, materiais e ações com ludicidade para o momento pedagógico dos professores e das professoras em sala de aula na época. Indiscutivelmente, a busca por atender às exigências de transformação dos modos de ensinar, das práticas pedagógicas dos professores e das professoras em atuação em sala de aula ainda é um eixo norteador das ações formativas das Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) que se mantêm também nos cursos que passaram a compor suas ações formativas na SEEDF. Este olhar que ainda se debruça em ofertar uma formação continuada com ludicidade sensível aos desafios do trabalho docente é salutar e remete a ideia de que, de fato, “o lúdico faz parte da cultura e está presente nas atividades humanas. Isso por si só já significa contrapor-nos ao mundo estrito do trabalho que desumaniza, mecaniza o homem e as suas relações. O trabalho também deveria ser lúdico” (Pereira, 2015, p.173), especialmente, o trabalho docente.

A segunda categoria apontada em nossa análise é “*A idealização de recursos lúdicos como centralidade da formação continuada*”, na medida em que percebeu-se que por 23 anos, o trabalho de formação de professores foi conduzido pelas diretrizes do documento *Orientações Pedagógicas n. 8* (Brasília, 1989; 1994) e, em vários trechos do documento, destaca-se a grande ênfase dada à produção de materiais pedagógicos e na instrumentalização do professor atuante em sala de aula, claramente definido a partir do objetivo geral “Contribuir para a melhoria qualitativa do ensino propiciando aos professores das diferentes modalidades e graus de ensino,

a oportunidade de pesquisar, selecionar, confeccionar, utilizar e avaliar materiais de ensino aprendizagem como apoio ao seu trabalho docente” (Brasília, 1994, p.8). Com o advento da Portaria n. 116 de 31/07/2012 (Brasília, 2012) manteve-se essa perspectiva de produção e idealização de recursos lúdicos como centralidade na formação continuada de professores dos CVLOPs. E, por fim, a Portaria n. 388 de 29/11/2018, no seu Art.6º, Inciso II, reafirma-se como uma das finalidades das Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) “produção de materiais lúdico-pedagógicos como recursos didáticos que favoreçam os processos de ensinar e de aprender” (Brasília, 2018, p.1). A produção de materiais ressaltada nas documentações norteadoras do trabalho de formação continuada de professores das Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) também são atestadas nos relatos constantes nos vídeos institucionais (Campos, 1989; Menegaz, 2010; Pederiva, 2013; Lima, 2016; Silva, 2017; Fernandes, 2016), reafirmando o que indica Antunes (1999 apud Mello et al, 2014, p.181) ao enfatizar que na vivência lúdica o sujeito pode “construir novas descobertas, desenvolve, enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva o professor à condição de condutor, estimulado e avaliador da aprendizagem”.

Assim, a elaboração, criação e idealização de recursos lúdicas se constituiu em um segundo movimento das ações de formação continuada proposto pelos CVLOPs em que o “lúdico ocupa um lugar significativo em nossa cultura e no desenvolvimento humano, abrangendo tanto a atividade individual e livre quanto coletiva e regrada, em um movimento progressivo e integrado, que contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo, das relações sociais, culturais, éticas e estéticas” (Pereira, 2015, p. 170).

O terceiro movimento que perpassa a história das Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) é a terceira categoria de análise “*O trabalho grupal como referência para a formação continuada*”)! Desde o início, em 1989, esta foi uma característica da formação continuada docente: a ideia de acolher professores de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes escolas públicas do DF para juntos produzirem materiais, até a consolidação de cursos estruturantes¹¹ planejados pelo coletivo de professores formadores (Campos, 1989; Menegaz, 2010; Lima, 2016; Fernandes, 2016) à portaria 388/2018 (Art. 12, § 2º). Percebe-se o

¹¹ Curso Estruturante: termo atribuído a cursos ofertados em todas as Oficinas Pedagógicas ao mesmo tempo, no mesmo semestre ou ano letivo.

reconhecimento da necessidade de trabalho coletivo e articulado na condução das ações de formação continuada que vai consolidando uma outra perspectiva de trabalho docente em que ensinar e aprender numa perspectiva lúdica implicaria na reinvenção do ambiente pedagógico, pois considera as contribuições do grupo na idealização das ações de formação de professores e professoras. Assim como a educação pela ludicidade é um fenômeno cultural, histórico e plenamente humano, o trabalho docente numa perspectiva grupal é pensar que esta educação “é, ao mesmo tempo, uma exigência de e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (Saviani, 2015, p. 286).

Diante do exposto, destaca-se que, mesmo com o advento da Pandemia de COVID-19 e a necessidade sanitária de distanciamento social, os Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas se reinventaram e trouxeram em julho/2020 o projeto de formação continuada “Trilhas Lúdicas para aulas remotas” cujo *slogan* para a chamada à participação dos professores para estes encontros virtuais de diferentes temáticas foi “*Porque aqui todo dia é dia de era uma vez... Era uma vez uma professora que virava bruxa, que virava fada. Era uma vez um professor que fazia jogos, que fazia rimas. Era uma vez um enorme grupo de educadores que precisou se reinventar e se reinventou porque não teve medo de, virtualmente, dar as mãos*” (Oficinas Pedagógicas, 2020). A proposta de formação continuada de professores em ambiente *on-line* passou a acontecer, simultaneamente, nas 14 coordenações regionais de ensino (CREs) do DF e em várias salas na *Plataforma Meet*, com o agendamento prévio por escolas no dia da coordenação coletiva. Esta ação, “Oficinas Pedagógicas nas Escolas: Trilhas lúdicas para aulas remotas”, possibilitou a oferta de 10 formações/Trilhas Lúdicas diferentes que atenderam 9.855 professores participantes e 384 escolas públicas em todo DF (Oficinas Pedagógicas, 2021), no segundo semestre de 2020.

Assim, graças ao trabalho grupal que embasa a idealização, o planejamento e a execução do trabalho docente dos professores formadores dos CVLOPs, a perspectiva de uma formação continuada de professores com ludicidade se manteve e consolida-se o entendimento que, de fato, “**O trabalho grupal é uma referência para a formação continuada proposta pelos CVLOPs**”, pois, ao pesquisarem, idealizarem e produzirem juntos, os professores formadores e as professoras formadoras estão construindo caminhos de autogestão, autonomia e liberdade para a formação continuada docente.

O quarto movimento identificado na trajetória histórica das Oficinas Pedagógicas nos conduz a uma quarta e última categoria “*A ludicidade como princípio para a formação docente*”. Desde as primeiras ações das Oficinas Pedagógicas (CVLOPs), a ludicidade esteve em destaque! Por um longo tempo, a ludicidade esteve pautada numa perspectiva de trazer leveza no ensino de conteúdo, na intencionalidade de propor recursos lúdicos para o aprendizado (Silva; Sá, 2013) ou mesmo reduzida à função educativa do jogo (Santos, 1997) como destacam Campos (1989), Lima (2016), Fernandes (2016) e Silva (2017), além de documentos oficiais (Brasília, 1989, 1994, 2012 e 2018). A medida em que as Oficinas Pedagógicas foram ampliando sua atuação como um centro de formação continuada de professores (Silva, 2017), percebe-se um movimento em prol de uma ludicidade na formação docente que se volte para um ensino lúdico, isto é, “aquele em que se inserem conteúdos, métodos curativos e o enlevo em se ensinar e principalmente aprender” (D’Ávila, 2006, p. 18). Na última década de existência, as Oficinas Pedagógicas tem enfatizado o protagonismo da ludicidade na formação continuada de professores, em que “*o grande ganho pedagógico talvez seja a facilidade de aprendizagem do aluno quando o professor dele trabalha com a ludicidade*” (Sabino, 2017), cujas ações – referendadas pela atual portaria que regulamenta o CVLOP (Portaria nº 388/218) – resultam da busca pela unidade entre teoria e prática ao “realizar estudos e pesquisas relativas aos referenciais teóricos norteadores de ludicidade e de atividades lúdicas de ensino e de aprendizagem...” (Art.16 Inciso IV).

Desta forma, o sentido de ser nomeado “Centro de Vivências *Lúdicas* – Oficinas Pedagógicas” reitera o movimento da ludicidade na formação continuada de professores ao logo da história das Oficinas Pedagógicas porque quando “o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena ...” (Luckesi, 2000, p.18). Desta maneira, entendemos que a formação de professores e professoras é um espaço coletivo propício à ludicidade, vislumbrando a formação do homem em sua plenitude em que a unidade dialética entre professor, grupo, trabalho e ludicidade atravessa permanentemente as formas atuais de organização dos CVLOPs. Neste interim, a formação continuada com ludicidade ultrapassa os limites da didatização e do caráter instrumental da ludicidade na formação docente e se constitui em um princípio que define a formação continuada também como um espaço de resistência e

luta para efetivarmos no trabalho pedagógico a realização no ato de ensinar e nas formas de aprender.

Considerações Finais

O papel dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) nos processos formativos no decorrer de 37 anos de atuação com formação continuada de professores é significativo e traz um marco histórico na educação pública do Distrito Federal. Ainda que o termo *oficina* remeta a uma perspectiva pragmatista e instrumental do trabalho docente, pautada na racionalidade técnica (Veiga, 2002), ao longo dos anos, emerge a busca por articular a teoria à prática para além da simplificação do sentido dado à prática na formação docente, mantendo a ludicidade nas ações formativas sem perder de vista o conhecimento científico que embasa esta prática pedagógica.

Ao longo de quase quatro décadas, a categoria ludicidade, e todos os elementos lúdicos que a constitui, perpassaram a história dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas em num movimento dinâmico, complexo e dialético. Inicialmente, pautado na produção de materiais diversos e de jogos lúdicos com vistas à aprendizagem do conteúdo, bem como torná-lo mais atrativo. Por anos, essa perspectiva de uma ludicidade *instrumental* e *pedagogizada* se manteve e, obviamente, alcançou os objetivos da formação continuada à época que se voltava muito para a formação do professor técnico, criativo e capaz de transmitir conhecimentos, no nosso caso de forma lúdica.

Contudo, no decorrer dos anos, os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas se propuseram e alcançaram novos patamares na formação continuada com ludicidade, sem perder de vista a importância de atender aos desafios da prática cotidiana em sala de aula, partindo de uma ludicidade *humanizadora* que traz o sentimento de realização no trabalho pedagógico para professores formadores e professores em formação.

A medida em que os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas foram se consolidando como espaço formativo de professores dentro da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a contribuição de cada professor(a) formador(a) a partir de sua própria experiência profissional e vivências na educação pública, constrói-se um projeto de formação continuada pautado na ludicidade e na possibilidade real de trabalho grupal. A oportunidade de

idealizar, planejar, criar materiais lúdicos, selecionar autores para embasamento teórico dos cursos ofertados e ações outras, definir metodologias e estratégias próprias e poder desenvolver com liberdade cada aula com os professores em formação, também ressignifica os caminhos da formação continuada de professores que defendemos. Isto é, uma formação docente que esteja alicerçada em sólida formação teórica, nas iniciativas do coletivo e na autonomia dos professores, considerando também as necessidades apresentadas pelos professores em formação.

Desta maneira, os Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas trazem como contribuições para o campo da formação continuada de professores premissas centrais: a ludicidade na formação continuada, a criação no fazer pedagógico, o trabalho grupal para o fortalecimento das ações de formação e a autonomia no trabalho docente que realiza.

Entende-se, portanto, que mesmo ao enfatizar o trabalho material em suas ações formativas, isto não eliminou a intencionalidade criadora do professor, ao contrário, propôs trazer ao mundo objetivo, a dialética do pensamento, a reelaboração de ideias e a capacidade criativa humana que tem sua origem no trabalho (Engels, 2013). Assim, é inegável as contribuições dos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, especialmente no que se refere a apontar a ludicidade como um princípio formativo necessário.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) pelo incentivo dado a pesquisadores, discentes e docentes, na execução de projetos de pesquisa científica. Agradecemos a este PPGE, em especial, pelo auxílio financeiro ao pesquisador discente disponibilizado através do Edital n.08/2022, Processo n. 23106.136295/2022-92 (Agência de Fomento: FE/PPGE/UnB).

Referências

ABREU, Neide. Maria de. Depoimento. OFICINAS PEDAGÓGICAS. **Memorial Vivo Oficina Pedagógica de Ceilândia**. YouTube, 09 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FHJs7KkCYJU> Acesso em: 13 de abril de 2023.



BRASÍLIA. Fundação Educacional do Distrito Federal. Departamento Geral de Pedagogia. **Orientações Pedagógicas**. n. 8, 1989.

BRASÍLIA. Fundação Educacional do Distrito Federal. Departamento Geral de Pedagogia. **Orientações Pedagógicas**. n. 8, 1994.

BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Portaria nº116, de 31 de julho de 2012**. Dispõe sobre a regulamentação das atividades desenvolvidas nas Oficinas Pedagógicas no âmbito da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Disponível em:
http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/72529/se_prt_116_2012.html Acesso em: 10/04/2023.

BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Portaria nº 388, de 29 de novembro de 2018**. Dispõe sobre a regulamentação das atividades desenvolvidas pelas Oficinas Pedagógicas (Centro de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas) da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Disponível em:
http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/f41c3564971a440e8ed9fb012132dbf5/Portaria_388_29_11_2018.html Acesso em: 10/04/2023.

CAMPOS, Ana Cristina. Entrevista. Oficinas pedagógicas. **NUTEL-CPCE**. YouTube, 30 de novembro de 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u7QsqNlrPZg> Acesso em: 13 de abril de 2023.

DANTAS, Clédina. Entrevista. CANAL E. **Encerramento Curso de Professores DRE Samambaia**. Youtube, 09 de dezembro de 2010. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=K7gCOMpfZP8> Acesso em: 13 de abril de 2023.

D'ÁVILA, Cristina Maria Teixeira. Eclipse do lúdico. **Revista Feeba: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.15, n.25, p.15-25, jan/jun 2006.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (Org). **A dialética do trabalho. Escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FERNANDES, Maria Eunice. Entrevista. CANAL E. **Oficinas Pedagógicas – 30 anos**. YouTube, 31 de outubro de 2016. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=4dnq3gMW3lk> Acesso em 25 de abril de 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Antonio Gramsci: Maquiavel; notas sobre o Estado e a política**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Ruitter. Entrevista. CANAL E. **Oficinas Pedagógicas – 30 anos**. YouTube, 31 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4dnq3gMW3lk> Acesso em 25 de abril de 2023.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese. **Ludopedagogia**, GEPEL, Programa de Pós Graduação em Educação, Salvador, v.1, p.9-42. 2000.

MARX, Karl. **O Capital: crítica de economia política - Livro 1: o processo de produção do capital**. Vol.1. 5ed. Trad. Reginaldo Sant'Ana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MELLO, Regina Oneda. A ludicidade no ensino de língua portuguesa nas séries finais. **Unesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 5, n. 2, p. 181-190, jun./dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/5512-Texto%20do%20artigo-20365-20729-10-20141024.pdf> Acesso em: 10 de março de 2022.

MENEGAZ, Aldanei. Entrevista. CANAL E. **Oficina Pedagógica de Brazlândia**. YouTube, 08 de outubro de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmmBFGT6SxU> Acesso em: 13 de abril de 2023.

MENEGAZ, A. Entrevista. CANAL E. **Oficinas Pedagógicas – 30 anos**. YouTube, 31 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4dnq3gMW3lk> Acesso em 25 de abril de 2023.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **O método em Marx: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações**. São José do Rio Preto, SP: Práxis, 2022.

MUNIZ, E. Entrevista. CANAL E. **Oficinas Pedagógicas – 30 anos**. YouTube, 31 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4dnq3gMW3lk> Acesso em 25 de abril de 2023.

OFICINAS PEDAGÓGICAS. **Boas vindas – ensino remoto**. YouTube, 04 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RHkmfGnlomU> Acesso em: 30 de abril de 2023.

OFICINAS PEDAGÓGICAS. **Oficinas Pedagógicas nas Escolas: Trilhas Lúdicas para Aulas Remotas (resultado final)**. YouTube, 14 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3wxk_N_Q9OY Acesso em: 30 de abril de 2023.

PEDERIVA, Patrícia Lima. Entrevista. CANAL E. **Encontro das Oficinas Pedagógicas na Escola Parque 308 Sul**. YouTube, 18 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAMhICA2kio&list=PL792FB52FB7460BAE&index=9> Acesso em 13 de abril de 2023.

PEREIRA, Reginaldo Santos. Ludicidade, infância e educação: uma abordagem histórica e cultural. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, nº 64, setembro, 2015. p. 170-190.

SABINO, Christofer. Entrevista. Oficinas pedagógicas. **Conclusão dos Cursos das Oficinas Pedagógicas**. YouTube, 25 de junho de 2017. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=AqaURCBGmy8> Acesso em 25 de abril de 2023.

SANTOS, S. M. P. **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015.

SILVA, Maria José de Aragão Capdeville. Relatos de Experiência. Oficinas Pedagógicas na história: um espaço de construção da ludicidade na educação do Distrito Federal. **Revista Com Senso**. Caderno RCC#10, volume 4, n.3. Agosto/2017.

SILVA, Américo Júnior Nunes da Silva; SÁ, Antônio Villar Marques de. “Doutores da Aprendizagem”: revivendo a criança adormecida em cada educador. *In*: SÁ, Antônio Villar Marques de. (Org.). **Ludicidade e suas interfaces**. Brasília: Liber Livro, 2013.

SOUSA, Lidiane Costa. CANAL E. **Encerramento Curso de Professores DRE Samambaia**. Youtube, 09 de dezembro de 2010. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=K7gCOMpfZP8> Acesso em: 13 de abril de 2023.

VEIGA, Ilma Passos. Alencastro. Professor: tecnólogo ou agente social? *In*: VEIGA, I. P. A.; AMARAL, A. L. (orgs.). **Formação de professores: políticas e debates**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de L. S. Vigotski**. Trad. Zóia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2021.